



DOMINGO, CINCO HORAS DA TARDE, SALA VILLA LOBOS DO TEATRO CLÁUDIO SANTORO.



SOB OS APLAUSOS EFUSIVOS O MAESTRO JOHN NESCHLING AGRADECEU A PRESENÇA DE TODOS E FOI LOGO SE DESCULPANDO PELO FATO DOS SEUS MÚSICOS NÃO ESTAREM VESTINDO OS PALETÓS DOS SEUS SMOKINGS.



ALERTOU QUE A ADMINISTRAÇÃO DO TEATRO HAVIA INFORMADO QUE O AR CONDICIONADO DA CASA ESTARIA FUNCIONANDO APENAS COM 50% DA SUA CAPACIDADE.



A IMAGEM DOS MÚSICOS SEM SMOKING NÃO DESABONOU A QUALIDADE IRRETOCÁVEL DO CONCERTO, MAS REVELOU A IMENSA FRAGILIDADE DE ALGUNS SETORES DA VIDA PÚBLICA, QUE CONJUGAM RESPONSABILIDADE NA TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR.



OSESP Domingo, cinco horas da tarde, Sala Villa-Lobos do Teatro Cláudio Santoro. A sala estava lotada. Entre os diversos eventos da cidade, mil trezentos e sete brasilienses, de ouvidos apurados, escolheram ouvir a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Em turnê pelo Brasil, a OSESP chegou em Brasília para uma dupla apresentação: uma ao ar livre, na Esplanada dos Ministérios, e a segunda no Teatro Nacional. No programa, “A Força do Destino: Abertura” de Verdi; “Choro para Clarinete e Orquestra” de M. Camargo Guarniere e “Sinfonia n. 1 em Ré maior – Titã”, de Gustav Mahler.

SEM SMOKING Há mais de 10 anos no comando da orquestra - que tem sua sede num dos mais belos espaços para concertos do Brasil, a Sala São Paulo - o maestro *John Neschling*, surgiu no palco trajando um elegante e bem cortado “*suit*” de calça e bata cinza claro. Sob os aplausos efusivos de um público caloroso, *Neschling* agradeceu a presença de todos e foi logo se desculpendo pelo fato dos seus músicos não estarem vestindo os paletós dos seus *smokings*. Alertou que a administração do teatro havia informado que o ar condicionado da casa estaria funcionando apenas com 50% da sua capacidade. Em seguida, emendou dizendo que sequer os 50% estavam em operação, e que usar *smoking* naquele clima, seria um imenso sacrifício para seus músicos.

ESPAÇOS PÚBLICOS Envergonhado, o público brasiliense, aplaudiu a orquestra e o maestro. Afinal, a sala de espetáculos mais importante da capital do país, não estava sendo administrada com a atenção e os cuidados que uma jóia rara, daquele porte, deveria ter. É bom lembrar que a Sala Villa Lobos, em Brasília, não deve nada em termos de beleza à Sala São Paulo, na capital paulista. A diferença está na gestão, na valorização e no entendimento sobre a importância dos espaços públicos na vida cultural de uma cidade. Por trás da Sala São Paulo e da Osesp existe não só o Estado, mas uma fundação que capta recursos privados que garantem a manutenção do espaço e a remuneração da própria orquestra.

ESPLANADA Segunda-feira, manhã do início de mais uma semana, na mesma Esplanada que acolheu *John Neschling* e seus músicos, o clima é de tensão. Afinal, a crise econômica mundial começa a desenhar um novo cenário na economia e na política nacional. A alta do dólar já provoca a inflação. A restrição

ao crédito reduz as vendas. Os dois juntos surgem como fator de desemprego. É nesse cenário que a capital do país começa a montar as peças da sucessão presidencial. A campanha de 2010 está logo ali, na frente, e a crise e seus efeitos são um prato feito para a oposição.

RESPONSABILIDADE Como diz Gustavo Krieger, em sua coluna no Correio Braziliense: “(...) diante de uma crise deste tamanho seria hora da responsabilidade, certo? Mas não é o que se vê. Enquanto fazem discursos preocupados, os opositores esfregam as mãos, satisfeitos com a perspectiva de ver Lula em apuros nos últimos dois anos de mandato”. Krieger chama a atenção para a palavra que ganhou força no vernáculo oposicionista: “responsabilidade”. Segundo o jornalista, na política, responsabilidade se conjuga na terceira pessoa do singular, isto é, o problema é dos outros.

RISCOS Enquanto isso, o presidente Lula parece estar perdendo seu espaço no mundo da sorte. A crise caiu no seu colo e ele irrita-se com a perspectiva de ter que tomar medidas antipopulares e ver seus eleitores de cara feia, desaprovando seu governo e sua reputação. No Congresso, a oposição faz sua parte para aumentar os riscos, acumulando pautas pessoais e corporativas em vez de criar uma agenda para enfrentar a crise. Como diz Gustavo Krieger: “(...) fica a desagradável impressão de que, em vez de se preparar para combater a crise, políticos do governo e da oposição buscam a melhor forma de ganhar com ela”.

DISSONÂNCIA Em meio a essa imensa dissonância faltam idéias. Falta conteúdo ao debate público. Dia desses, em uma solenidade, um amigo comentou a falta de bons oradores e a ausência de grandes discursos. De fato, o mundo das idéias parece ter sido trocado pelo imediatismo de respostas rápidas e mal pensadas, pelo efeito volátil das ações mal formuladas, pela propagação da indigência mental e a carência de formulações éticas e de conhecimento mais profundo. Sobram argumentos débeis. Ataques pessoais se sobrepõem ao debate de idéias e de conteúdo firme. Como na apresentação da OSESP, em Brasília, a imagem dos músicos sem smoking não desabonou a qualidade irretocável do concerto, mas revelou a imensa fragilidade de alguns setores da vida pública, que também conjugam responsabilidade na terceira pessoa do singular.